

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

MARCIONILO JOSÉ DE VASCONCELOS NETO

**ANÁLISE DIACRÔNICA DOS VERBOS “SER” e “ESTAR” COM SENTIDO
EXISTENCIAL NO PORTUGUÊS EM CARTAS DE LEITOR DO SÉCULO XIX DA
CIDADE DO RECIFE.**

GARANHUNS – PE
2018

MARCIONILO JOSÉ DE VASCONCELOS NETO

**ANÁLISE DIACRÔNICA DOS VERBOS “SER” e “ESTAR” COM SENTIDO
EXISTENCIAL NO PORTUGUÊS EM CARTAS DE LEITOR DO SÉCULO XIX DA
CIDADE DO RECIFE.**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras – Português, Inglês e suas respectivas Literaturas, sob a orientação da professora Ma. Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque Lima.

GARANHUNS – PE

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna Garanhuns - PE, Brasil

S331a Vasconcelos Neto, Marcionilo José de

Análise diacrônica dos verbos “ser” e “estar” com sentido existencial no português em cartas de leitor do século XIX da cidade do Recife Marcionilo José de Vasconcelos Neto. - 2018. 56 f. : il.

Orientador(a): Emanuelle Camila Moraes de Melo A. Lima
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de
Letras, Garanhuns, BR - PE, 2018.

Inclui referências, apêndices e anexos

1. Língua portuguesa - Verbos 2. Cartas - Análise 3.
Língua portuguesa - Sintaxe I. Lima, Emanuelle Camila Moraes
de Melo A., orient II. Título.

CDD 469.07

MARCIONILO JOSÉ DE VASCONCELOS NETO

**ANÁLISE DIACRÔNICA DOS VERBOS COPULARES COM SENTIDO
EXISTENCIAL NO PORTUGUÊS EM CARTAS DE LEITOR DO SÉCULO XIX DA
CIDADE DO RECIFE.**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Português, Inglês e suas respectivas Literaturas, sob a orientação da professora Ma. Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque Lima.

Garanhuns, 27 de agosto de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque Lima.
Orientadora – UFRPE/UAG

Prof.
Adeilson Pinheiro Sedrins - Examinador interno UFRPE/UAG

Prof.
Jansom Teixeira da Silva Filho - Examinador UFAL

DEDICATÓRIA

*A todos e todas que contribuíram para
a realização de meu sonho.*

AGRADECIMENTOS

Tudo o que realizamos nessa vida sempre é fruto de nosso empenho e esforço, no entanto, não é menos verdade, que para que tenhamos a força e empenho necessários, é imprescindível termos pessoas que nos ajudem a ir em frente e dar sempre um passo a mais em direção à vitória, e é por isso que quero dedicar meus agradecimentos, primeiramente à Inteligência Suprema pelo amor e ajuda que me dispensou, aos meus pais Ailton e Marlene, que sempre me incentivaram a seguir em frente com o meu sonho de tornar-me um professor, como também a meus dois tios José Reinaldo e João que me deram muito suporte para que eu conseguisse realizar o meu sonho de cursar o curso de Letras na cidade de Garanhuns.

Durante a minha vida acadêmica, recebi diversos tipos de presentes do criador do universo, dentre eles, quero mencionar os meus amigos do curso Renata, Jussara, Saulo Jonathan e Edjane Cordeiro, que me ajudaram de diversas formas com a amizade, carinho e compreensão que me proporcionaram ao longo de quatro anos, além da certeza que eles me proporcionam de amizades que durarão por toda a eternidade.

No meio acadêmico, tive a felicidade de encontrar excelentes profissionais que além de me ajudarem a cultivar o conhecimento, tornaram-se meus amigos, auxiliaram-me com encorajamento e boas conversas, por isso quero deixar meu especial agradecimento ao professor Nilson, pela amizade, humildade acolhedora, e excelentes aulas. Ao professor Rafael pela paciência, apoio e oportunidade que me ofereceu durante o período em que pude realizar o projeto do PIBIC sob sua orientação, como também à professora Marlene pelo incentivo que me deu quando estive no PIBID. Não poderia esquecer-me do excelente profissional que tive oportunidade de conhecer nos últimos períodos do curso, o professor João. Deixo-lhe meus sinceros agradecimentos pelas palavras de incentivo e pelas belas lições que proporcionava em classe. Agradeço em especial à professora Emanuelle pela paciência, amizade, compreensão, incentivo e por ter me aceitado como seu orientando, como também a todo quadro docente do curso de Letras, pois saio da

universidade com a sensação de que tive a "sorte" de encontrar excelentes profissionais durante a minha formação.

Deixo os meus agradecimentos à comunidade espírita de Garanhuns, em especial a todos os que fazem a Seara Espírita Allan Kardec, que me acolheram, ajudaram e fizeram-me sentir que havia encontrado uma comunidade de irmãos dedicados à causa do bem.

Também agradeço à família Argolo pelo amor, carinho e companheirismo que me faz agradecer aos bons espíritos pela oportunidade de os ter reencontrado aqui na terra. E não poderia deixar de agradecer aos esperantistas pernambucanos que me ajudaram e foram excelentes amigos.

Enfim, agradeço a todos que encontrei, pois cada um contribuiu para que eu pudesse dar um passo na realização de meu sonho em tornar-me um Professor, profissão tão nobre e importante para a humanidade. Obrigado a todos!

EPÍGRAFE

"Auxiliar a todos para que se beneficiem e se elevem, tanto quanto nós desejamos melhoria e prosperidade para nós mesmos." Emmanuel

RESUMO

O presente trabalho busca empreender uma análise diacrônica a respeito do uso dos verbos copulares com sentido existencial, já que eles apresentam um dos maiores desafios para os pesquisadores que se interessam pelo tema. Para realizar essa pesquisa utilizamos dados históricos de cartas de leitor do século XIX da cidade do Recife, como também dados do português contemporâneo com o fenômeno em questão. Essa pesquisa se fundamenta nos pressupostos da teoria gerativa, tendo como principais autores Chomsky (1981; 1986), Avellar (2004; 2007), Sibaldo (2009; 2016), Tarallo (2009), entre outros. Esse trabalho empenha-se em contribuir para o crescimento da literatura sobre cópulas com sentido existencial, além de oferecer algumas reflexões sobre o que foi encontrado no corpus, trazendo algumas análises sintático-semânticas sobre a variação diacrônica que podemos encontrar no uso do verbo "ser" em sentido existencial.

Palavras-chave: verbo cópula, diacronia, sintaxe

ABSTRACT

The present work seeks to undertake a diachronic analysis regarding the use of copular verbs with existential meaning, since they represent one of the greatest challenges for researchers who are interested in the subject. In order to carry out this research, we used historical data from nineteenth century reader's letters to newspapers in the city of Recife, as well as data from a survey with contemporary Portuguese speakers about this phenomenon. This research is based on the assumptions of the generative theory, and as main references, we have the studies of Chomsky (1981, 1986), Avellar (2004, 2007), Sibaldo (2009, 2016) and Tarallo (2009). This work endeavors to contribute to the growth of the literature on copulatives with an existential meaning, and also offers some analysis from the findings in the corpus, bringing some syntactic-semantic analysis about the diachronic variation that can be found in the use of the Brazilian Portuguese verb "to be" with an existential sense.

Key-words: copular verb, diachrony, syntax

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2. ESTUDOS SOBRE CÓPULA	14
2.1 Discutindo a ideia das sentenças existenciais	16
2.2 Discutindo a cópula verbal da Língua Portuguesa	18
3. METODOLOGIA	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
4.1 Resultados	24
4.2 Análise sintática do Corpus	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
6. REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Na Língua Portuguesa contemporânea é muito comum vermos sentenças nas quais os verbos "haver", "ter" e "existir" assumem a significação existencial, isto é, referem-se à existência de algo ou alguma coisa. No entanto, ao analisarmos diacronicamente o Português, notaremos que nem sempre esses verbos foram os responsáveis por tal carga semântica, já que no Latim o verbo que denotava existência era esse, e no Português arcaico o verbo "aver" passou a ser coocorrente do verbo latino. A título de exemplo, podemos observar as seguintes sentenças:

(1)

inter eas erat arbor scientiae boni et mali.

(Entre Elas era/havia a árvore da ciência do bem e do mal)

(2)

"Non erant gelae, non erat ensis"

(Não havia capacetes, não havia espadas).

(3)

Ali hu á vida.

(Ali há/tem vida).

Embora essas modificações nos usos dos verbos com sentido existencial tenham ocorrido há um longo tempo na história de nossa Língua Portuguesa, ainda hoje é possível notar ocorrências nas quais os verbos de cópula (tradicionalmente conhecidos como verbos de ligação) ocorrem no Português Brasileiro (PB) trazendo consigo uma significação existencial, como podemos ver nos seguintes exemplos retirados do português contemporâneo:

(4)

- a- Existe uma desordem na escola.
- b- É uma desordem na escola.
- c- Há uma desordem na escola.
- d- Tem uma desordem na escola.

(5)

- a- Existe muita burocracia para resolver este problema.
- b- É muita burocracia para resolver este problema.
- c- Há muita burocracia para resolver este problema.
- d- Tem muita burocracia para resolver este problema.

Como se observa, mesmo que haja modificação dos verbos, não ocorre em nenhum caso a perda semântica existencial, já que todos os casos referem-se a existência de uma desordem no ambiente escolar ou à existência de burocracia. Em todas as sentenças podemos encontrar situações que se enquadram dentro de alguns dos seguintes paradigmas que são atribuídos aos verbos "ser" e "estar" quando com funcionalidade existencial: possui quantificadores, advérbios, adjetivos e determinantes junto ao sintagma nominal que se segue ao verbo, ou até mesmo pelo uso de um padrão entoacional específico. Diante de tal fenômeno nos chegam alguns questionamentos, tais como: 1^a- o que possibilita esse intercâmbio lexical sem que haja interferência no componente semântico? 2^a- O que motivou ou motiva o uso dos verbos existenciais canônicos do Português atual em detrimento dos verbos copulares que eram utilizados no Latim e Português Arcaico? 3^a- Em que momento de nossa língua e quais fatores intralinguísticos foram responsáveis por dar início a tal fenômeno de variação?

Como se pode constatar, muitas perguntas surgem ao tratar esse fenômeno sintático-semântico presente em nossa língua, e muito há por se estudar no que se refere aos verbos copulares, pois como afirma Sibaldo (2016) "as sentenças

copulares são pouco estudadas”, e por essa razão nos oferece vasto campo analítico ainda não explorado.

A Língua Portuguesa falada no Brasil atualmente é reflexo de um grande processo histórico, social e cultural que fez com que nosso idioma ganhasse as características lexicais, semânticas e sintáticas tal como temos hoje. Diante desse fato, algumas pesquisas linguísticas chegam a afirmar que o correto seria chamar de Língua Brasileira, haja vista existir muitas diferenças entre o Português falado no Brasil daquele que é falado em outros países lusófonos. No entanto, embora tenha passado por processos de variação, comum a toda língua natural viva, constatamos fenômenos intralinguísticos no Português Brasileiro que nos remetem a um tempo muito distante do nosso, sem que isso deixe de ter reflexos no uso que fazemos de nosso idioma nos dias atuais.

Um desses fenômenos que acontece há um longo tempo em nossa língua é a presença dos verbos copulares "ser/estar" com características semânticas de um verbo existencial, embora hoje em dia haja outros verbos coocorrentes que podem ter a mesma carga semântica, tais como "haver", "ter" e "existir". Mesmo com a presença desses últimos, os verbos copulares acima citados não foram totalmente suplantados, já que, em alguns contextos, como na oralidade, ainda notamos a sua presença. Com esse fato exposto, já podemos constatar uma lacuna de estudo válida para ser descrita, pois, caberia-nos perguntar em qual momento da língua começou a coocorrência dos verbos copulares com esses outros mais abundantes no Português atual?

Como foi mencionado anteriormente, os verbos copulares passaram um longo tempo sem receber estudos diacrônicos ou sincrônicos mais profundos acerca de seus diversos aspectos na Língua Portuguesa, logo podemos inferir que tal empenho se mostra digno de esforços, pois esses estudos poderão nos conduzir a novos conhecimentos a respeito de nossa língua materna.

A perspectiva diacrônica que visa permear esse estudo é bastante pertinente, pois esse pressuposto nos ajudará a realizar uma comparação diacrônica entre sentenças copulares existenciais do século XIX e as que são comumente produzidas

hoje por falantes do PB, e a partir dessa análise comparativa fazer uma quantificação, bem como análise sintático-semântica a respeito das sentenças copulares com base no acervo documental do PHPB (Para a História do Português Brasileiro). Com isso pretendemos buscar elencar quais são os pontos de intersecção e de divergência entre os contextos dos verbos encontrados nas cartas com as formas que usamos atualmente.

Sendo assim, buscaremos identificar diacronicamente as ocorrências dos verbos de cópula com sentido existencial no Português do século XIX, de cartas obtidas do Recife, apresentando e quantificando as ocorrências de cópulas com sentido existencial. Buscaremos, ainda, analisar quais os possíveis elementos sintáticos condicionaram a utilização dos verbos de cópula com sentido existencial.

Com esse estudo pretendemos contribuir para ampliação dos estudos diacrônicos na Unidade Acadêmica de Garanhuns, como também para o enriquecimento do campo investigativo a respeito das sentenças com verbos copulares por meio de documentos históricos de Pernambuco, contribuindo, assim, para o enriquecimento de estudos sobre as cópulas do PB levando em consideração os aspectos diacrônicos dos verbos “ser” e “estar”.

Este trabalho se inicia com uma revisão sobre as principais discussões em torno do tema. Nessa parte buscamos demonstrar quais são os dados mais relevantes sobre o assunto, como também demonstrar algumas lacunas ainda existentes.

Logo após a metodologia, será iniciado a demonstração do *corpus* que obtemos, e as análises que realizamos em torno desse material, trazendo, por conseguinte, algumas discussões teóricas, e possíveis resultados para as questões que levantamos ao longo da pesquisa. E por fim, finalizamos discorrendo a respeito daquilo que julgamos ter alcançado com esse trabalho de conclusão de curso.

2. ESTUDOS SOBRE CÓPULA

Como foi citado anteriormente, essa pesquisa que pretende analisar diacronicamente a ocorrência de verbos copulares com sentido existencial ainda não possui grande arcabouço no estado da arte. No entanto é possível encontrarmos alguns teóricos que estudaram as sentenças copulares e existenciais, não na língua portuguesa, mas em outras línguas como o Italiano, Hebraico, Inglês, entre outras.

Castilho (2010, p. 397) *apud* Sibaldo (2016, p. 11), nos diz que “As diferenças sintáticas constatadas entre "ser" e "estar" constituem um dos mais desafiadores problemas da Língua Portuguesa, maiormente quando comparamos às línguas românicas”. Porém, mesmo assim, já podemos encontrar algumas referências teóricas que podem nos indicar caminhos que podemos percorrer na pesquisa, bem como informações que enriquecem as abordagens que porventura venham ser feitas levando em conta os verbos que estão sendo discutidos durante esse trabalho.

Os verbos existenciais da Língua Portuguesa coexistem e passam por um processo de paralelismo com os verbos copulares "ser" e "estar". Um dos primeiros pesquisadores a estudar tal fenômeno em nosso idioma, segundo Avelar (2004, p.10), foi Câmara Jr. (1973), e foi deste último a assertiva de que a alternância entre a expressão existencial e a expressão possessiva reporta a uma mudança de formulação mental. Diante dessa evidência e com o surgimento de estudos mais recentes já foi possível levantar dados que contribuem para a exploração dos verbos copulares "ser" e "estar", como vemos em Mealha (2001) *apud* Casteleiro (1981, p. 208), que “a diferença entre ser e estar pode ser encontrada em alguns fatores da seleção de predicados por esses verbos, entre eles” :

- (i) propriedades sintático-semânticas dos adjetivos;
- (ii) contexto linguístico (estrutural);
- (iii) natureza sintático semântica do sintagma nominal sujeito;
- (iv) fenômenos de natureza aspectual e modal.

Essas informações trazem contribuições para o estudo que fizemos, e possibilita que já tenhamos alguns direcionamentos de como seguir com as análises que fizemos diacronicamente, haja vista já terem sido delimitados alguns mecanismos de análise.

A respeito das possibilidades de seleção de predicados pelos verbos copulares, temos em Puset (2003) *apud* Sibaldo (2016), uma investigação realizada em mais de 150 línguas que permitiu a criação de um padrão distribucional desses verbos, dividindo os predicados passíveis de seleção da seguinte maneira: Nominais>adjetivais>verbais. E por conta desse tipo de seleção variada, observamos que as sentenças copulares podem acontecer de diversas maneiras, mas seguindo sempre uma estruturação que é passível de análise por suas eventuais mudanças ocasionais, haja visto que tais mudanças se enquadram dentro dos padrões previstos.

Do ponto de vista diacrônico, podemos citar alguns estudos que também trazem uma contribuição direta para a pesquisa da Língua Portuguesa, pois alguns dados significativos já foram levantados e por isso constituem informação de valor para nosso trabalho.

Como dito anteriormente, o verbo responsável pela "existência" no latim era o verbo *esse*, porém no português arcaico já se vê o surgimento do verbo *aver* que passa a coexistir com o verbo latino, e posteriormente o suplanta. Durante o século XVI alguns teóricos afirmam ter surgido o verbo "ter" e "existir", que passam a concorrer com o verbo *haver* em contextos existenciais. Segundo Sibaldo (2016), as mudanças que acima foram descritas são resultados de uma mudança da categoria funcional presente nos verbos existenciais, pois: "Supõe-se que uma categoria funcional qualquer passou a ser utilizada e, determinadas formações morfológicas para a formação desses tipos de verbos" (SIBALDO, 2016, p.12).

Assim, nota-se que alguns itens linguísticos já são discutidos na literatura a respeito do tema, mas muito falta a ser estudado e definido como causas motivadoras da variação desses verbos e seus contextos estruturais na Língua Portuguesa.

2.1 Discutindo a ideia das sentenças existenciais

De acordo com as discussões teóricas a respeito das estruturas das orações existenciais, é notório que o caráter atribuído a esse tipo de construção não é bem delineado, pois como nos afirma Avelar (2006), em alguns contextos, o verbo "ter", que é canonicamente usado na fala para apresentar contextos existenciais, na realidade, em muitos casos, não é facilmente intercambiável por outros verbos da Língua Portuguesa do Brasil que são utilizados para expressar a idéia de existência, a saber: "existir" e "haver":

(6)

a- *Existe aula hoje.

b- Há aula hoje.(??)¹

c- Tem aula hoje.

Logo percebemos haver algum tipo de traço inerente ao verbo "ter" que faz com que ele seja canonicamente usado no Português Brasileiro.

Em diversos dialetos do Brasil já foram realizados estudos a respeito das variações existentes entre os verbos que agora estão sendo discutidos. Entre os principais dados, podemos ressaltar que no período que compreende os séculos XVIII ao XX, o verbo canonicamente utilizado era o "haver", mas que ao longo do tempo foi perdendo espaço para seu coocorrente "ter", como nos mostra Sibaldo (2016) ao analisar a variante dialetal do Português falado no estado de Pernambuco, assim como Avellar(2006), Avellar e Callou (2007) que estudaram os dialetos carioca, cearense, alagoano, entre outros.

De acordo com Avellar e Callou (2007) alguns fatores intralinguísticos interferem no uso de "ter" como o principal verbo para expressar existência, dentre

¹ As duas interrogações no final da frase indicam que, a depender da comunidade de fala do indivíduo, esta frase pode ser gramatical, logo, existe um certo grau de gramaticalidade a depender do *input* linguístico do informante.

eles podemos citar o fato deste verbo ter pouco valor argumentativo, ou seja, não atribuir funções aos seus complementos, como também o caráter predicativo dos elementos que se relacionam com este verbo, como inanimados, abstratos, material, espaço, etc. Vale ressaltar que outros aspectos são indicados como possíveis interferentes no uso desse verbo, tais como mudança do paradigma verbal do PB, assim como, o surgimento de sujeitos não-gramaticais, etc; mas que não serão discutidos aqui por desviar do cunho de análise deste trabalho que buscará analisar o uso dos verbos copulares em contextos existenciais, e assim, demonstrar a correlação destes verbos com as atuais construções do PB que denotem existência.

No PB, os verbos "ter" e "haver" não consistem meras alternativas que podem ser substituídas uma pela outra, já que o primeiro resulta de uma estrutura diferenciada do segundo, e também possui uma configuração sintático-semântica que prioriza o uso de um em detrimento do outro. Com isso nota-se que, mesmo se tornando um verbo canonicamente existencial, o "ter" ainda preserva traços que denotam sua natureza de cunho possessivo, como a aceitação de um sujeito gramatical. Logo, sabendo que as orações existenciais em "ter" possuem traços de orações de caráter possessivos, vemos um primeiro ponto de intersecção entre estes verbos e àqueles copulares com sentido existencial, como lemos em Avellar (2006, p.14), que nos afirma que "as construções possessivas e copulativas compartilham uma mesma base derivacional, sobre a qual um conjunto de operações sintáticas se aplica e define o "caráter" possessivo ou copular da expressão".

Como se percebe, um estudo que vise contemplar o uso das cópulas do PB com sentido existencial, é pertinente, já que muito material tem sido produzido a respeito das sentenças existenciais do Português Brasileiro, mas pouco material há a respeito dos verbos copulares enquanto existenciais, isso é o que ressalta Avellar (2006, p.9), ao nos dizer que:

"[...] são necessários estudos diacrônicos mais amplos para identificar a origem dessas construções, determinando em que medida podem ou não ser tratadas como resultantes de sentenças com o verbo copular provenientes de estágios anteriores do português.

Sendo assim, ao considerarmos que no Latim, Português Arcaico, e até mesmo no Português Brasileiro contemporâneo encontramos os verbos cópulas com o sentido existencial, fica perceptível a importância destes verbos para a compreensão da variação com os verbos que estão sendo discutidos ao longo deste trabalho.

2.2 Discutindo a cópula verbal da Língua Portuguesa

Assumiremos ao longo desse trabalho a definição de cópula verbal conforme Sibaldo (2011, p.45) para quem a cópula verbal corresponde à “sentenças que têm um predicado nominal, ou seja, uma sentença que possui um sujeito, uma cópula verbal e um predicado, seja ele de natureza adjetival, nominal, adverbial ou, ainda, preposicional.”

Ao nos determos na situação das cópulas verbais nas diferentes línguas, perceberemos que, geralmente, esses verbos apresentam contextos diversificados que os identificam como uma classe verbal muito peculiar. No inglês, por exemplo, Sibaldo (2009, p.56) nos diz que tal verbo pode ocorrer em frases predicacionais equativas, existenciais e locativas como se vê nos exemplos 7, 8 e 9.

Tratando-se do PB, é assumido que nós possuímos dois tipos de verbos cópula, o "ser" (que deriva da palavra latina *sedere*, que significa estar sentado), e o "estar" (que deriva da palavra Latina *stare*, que significa "estar de pé"). A diferença básica que é atribuída a esses dois verbos, é a de que o primeiro indica frases com estados mais permanentes, enquanto que o segundo estaria relacionado a uma ideia de atributo passageiro, como nos exemplos a seguir:

(7)

a- Aquele homem é feio.

b- Aquele homem está feio.

Embora seja assumida tal distinção entre essas duas cópulas diferentes do Português, um olhar mais acurado poderá nos indicar tipos de restrições nas quais uma é permitida e outra não. Sibaldo (2009) nos diz que: "Interlinguisticamente, pode-se afirmar que as sentenças copulares são especiais no sentido de que elas podem aparecer de diversas formas". Isso é o que observamos na Língua Portuguesa que a depender do tipo de sentença em que ocorra, um verbo poderá ser selecionado em lugar de outro, é o caso, por exemplo, de sentenças locativas, de posse, auxiliares, companhia, tempo composto, entre outras:

(8) Locativas:

a- Renata está na universidade.

b- Renata é na universidade.*

(9) Posse:

a- O carro é de Jonathan.

b- O carro está de Jonathan.*

É assumido no estado da arte, que as sentenças do PB podem ser encontradas, pelo menos, de três modos: (i) As construções copulativas canônicas, que compreendem a ordem sujeito+cópula+predicado; (ii) As construções com o verbo cópula fronteado e sentenças conhecidas como *Small Clauses Livres* (KATO 2008) *apud* Sibaldo (2009):

(10)

a- A teoria é muito interessante.

b- É muito interessante a teoria.

c- Muito interessante a teoria.

Evidentemente, aqui apresentamos apenas algumas distinções comuns às construções de sentenças copulares do Português falado no Brasil para que seja

evidenciada a gama de contextos distintos com atribuições diversificadas dos verbos que estamos discutindo, no entanto, não as discutiremos mais profundamente, demonstrando outros tipos de situações com tais verbos para não fugirmos das discussões pretendidas para este trabalho, que se concentram nos verbos cópulas com sentido de existência.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho faz uma análise documental com cerca de 33 cartas oficiais e particulares do século XIX da cidade do Recife do acervo histórico do projeto Para História do Português Brasileiro (PHPB²).

O estudo do *corpus* consiste de um levantamento quantitativo a respeito das ocorrências de verbos copulares, como também uma análise qualitativa, sob o viés gerativista, para identificação dos verbos de cópulas “ser/estar” com sentido existencial para realizarmos uma comparação entre o material coletado nas cartas com um teste de gramaticalidade. Esse teste continha as sentenças que encontramos nas cartas. Além das frases originais, também criamos outras possibilidades com os mesmos itens lexicais, apenas com algumas realocações de constituintes, e em poucos casos, algum acréscimo de novas palavras. No teste pretendemos avaliar a aceitabilidade e a produção dos verbos “ser/estar” por falantes do Português contemporâneo, para assim podermos fazer uma comparação entre as estruturas sintáticas do *corpus* em relação a dados atuais da Língua Portuguesa do estado de Pernambuco

Como se sabe, a teoria da Sociolinguística Variacionista busca empreender métodos investigativos que identifiquem mudanças realizadas ou em andamento nas línguas naturais, para tal, percebemos que esta teoria nos oferece vasto material metodológico para quantificar as variáveis, e assim perceber quais variantes podem ocasionar mudanças na estrutura da língua, como vemos em Tarallo (2006) ao nos dizer que: "O modelo de análise linguística proposto por Labov é também rotulado por alguns de "sociolinguística quantitativa", por operar com números e tratamento estatístico dos dados"

Embora a nossa pesquisa seja enviesada pelo campo gerativista, faz-se necessário tecer alguns comentários sobre o fenômeno da variação, que de certa maneira irá permear nosso trabalho. As variações linguísticas são algo que comumente encontramos nas diversas comunidades de fala, e o estudo delas

² “Projeto para história do Português Brasileiro” que contém um acervo histórico com dados sobre várias regiões do país.

contribui para que tenhamos maiores conhecimentos sobre os processos de mudança linguística que vivenciamos. Tarallo (2006) define as variantes linguísticas como "diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade". Sendo assim, estudar tais mecanismos de uso da língua não só nos possibilita meios de conhecer diferentes maneiras de expressão, mas também de observar influências intra e extralinguísticas, de observar ocorrências de uso linguístico que antes de ser meras diferenças de uso, nos podem reportar a padrões de mudanças da língua que nos evidenciam percursos de modificações comuns às línguas naturais, e assim, criar uma sistematização que demonstre em seus resultados, que "a cada variante correspondem certos contextos que a favorecem" (TARALLO, 2009, p.36).

O arcabouço teórico sociolinguístico nos dá algumas ferramentas para estudo das variantes da língua, dentre elas, e as principais para a pesquisa que segue, são a análise dos fatores linguísticos condicionantes que favorecem o uso de uma variante em detrimento da outra; o encaixamento da variável no sistema linguístico; e a projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade, em nosso caso, do Português falado no estado de Pernambuco.

Como pode ser notado esta pesquisa se detém num percurso histórico de variantes, logo, vemos que é característico o perfil diacrônico a ser estabelecido. Levando isto em consideração, nota-se que não dispomos de uma das principais ferramentas de análise dos sociolinguistas, a saber: a fala. No entanto, tal situação não nos impede de continuarmos com este trabalho, haja vista que existe outros tipos de *corpus* que podem ser levados em consideração para ser quantificado, em nosso caso, as cartas, que segundo Tarallo (2009) são materiais valiosíssimos para um estudo de cunho histórico para estabelecer uma possível identificação de fatores condicionadores, encaixamento e transição das variantes de uma língua.

Abstendo-se do caráter de identificação das variantes sociais, percebemos que ainda assim, a teoria sociolinguística variacionista contribui de forma profícua para um trabalho que vise identificar aspectos de mudanças intralinguísticas, já que esta teoria nos oferece um método de quantificação que possibilita ao estudioso de

língua criar dados quantificáveis que poderão ser analisados com outro arcabouço metodológico diferente do da sociolinguística, como é o caso desta pesquisa que visa analisar os dados quantificados por meio da teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981; 1986).

Do ponto de vista metodológico para um trabalho que vise empreender uma pesquisa de mudança linguística, como é o caso do nosso, a teoria de Princípios e Parâmetros poderá nos ajudar a compreender, dentro das devidas proporções que este trabalho abarca, o processo de mudança pelos quais os verbos existenciais da Língua Portuguesa do Brasil tem passado, pois como nos afirma Silva (2006, p.18):

"Essa abordagem permite, ao relacionar propriedades de um mesmo parâmetro, prever os caminhos de uma mudança em curso. [...] Isso permite fazer uma previsão de mais mudanças, relacionadas às outras propriedades típicas das línguas."

Como podemos notar, este modelo teórico traz excelente caminho metodológico para um estudo comparativo de gramática histórica, pois como lemos em Raposo (1996): "Em gramática histórica, torna-se possível conceber as mudanças históricas de um ou mais parâmetros num dado sistema Linguístico."

Como pode ser observado ao longo da exposição da metodologia que será utilizada neste trabalho, pode-se perceber que para análise dos dados serão utilizados a teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981; 1986), e para a quantificação de dados da pesquisa será utilizada a teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Resultados

Na primeira etapa do trabalho foram analisadas 33 cartas de leitores do século XIX, da cidade da cidade do Recife. Dentre o material analisado encontramos 27 sentenças existenciais, das quais, apenas 3 ocorrências (11%) eram do verbo "ser" com sentido existencial, 20 verbos (74%) "haver", 1 "ter" (3%) e 3 aparições do verbo "existir" (11%). Esses dados parecem nos revelar que, nestas cartas do século XIX, era predominante o uso da forma "haver", tais como:

(11)

- a- Não ha objecto que mais interesse ao homem, do que o de governo;³
- b- Em todo os tempos há caracteres tão distinctos;
- c- Nesse lugar apenas haviam alguns mocambos;

Em menor quantidade encontramos três ocorrências do verbo "ser" em sentido existencial. É válido ressaltar que as três ocorrências que foram encontradas do verbo "ser", se deu uma na primeira metade do século, em 08 de janeiro de 1830, outra em 12 de agosto de 1852 e uma em 27 de março de 1862:

(12)

- a- He singularismo, que em Roma | onde os tribunos heraõ taõ Sagrados;
- b- he uma circumstancia favorável para o appare- | ção de grandes talentos;
- c- hoje é um [p]ovoadado, que contem mais de um | cento de casas;

Em semelhante quantidade, o verbo "existir" teve três ocorrências, porém só após a segunda metade do século, e duas ocorrências se deram em uma só carta que data de 24 de março de 1865, e a outra em 21 de fevereiro de 1872, como se segue na ordem abaixo:

³ - A grafia das cartas será mantida a fim de familiarizar o leitor com os dados tais como foram encontrados.

(13)

- a- existem | alli peles sem estar armadas;
- b- existe montado, e que de dia a dia se deterioram
- c- elle ignorava que tal plano | existisse

Mediante tal demonstração com o "existir", podemos inferir que esse verbo não era abundantemente utilizado, e apenas com a reestruturação das sentenças existenciais (como poderá ser visto ao longo das discussões), é que ele foi assumindo uma posição com maior destaque.

Podemos ver, no gráfico a seguir, a proporção de ocorrência dos verbos analisados:

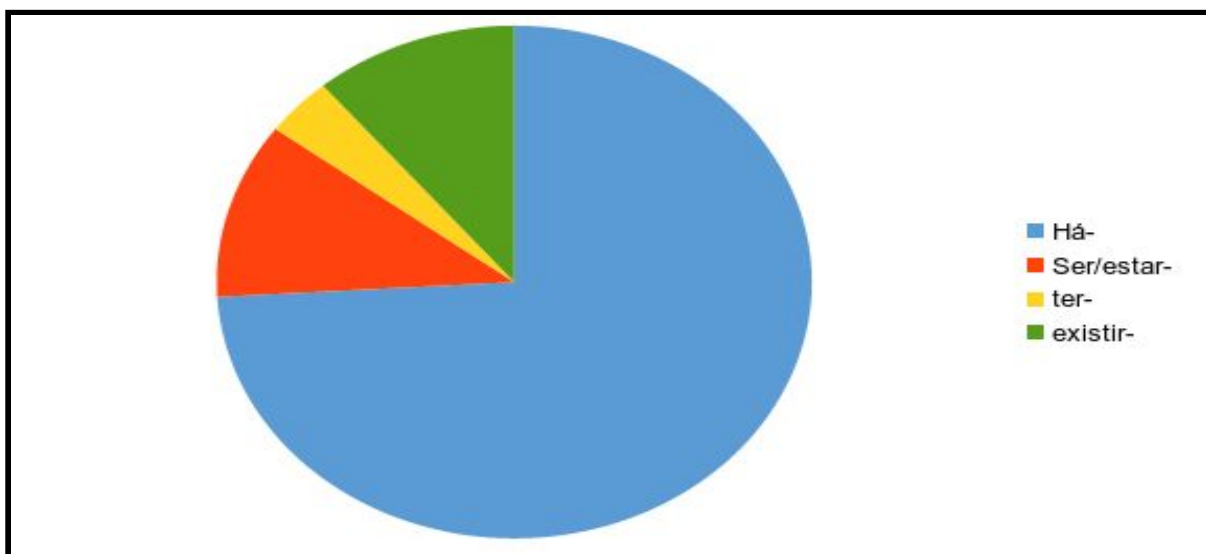


Figura 1

Alguns esclarecimentos se fazem necessários diante do gráfico acima demonstrado. Embora o nosso trabalho seja conduzido pela perspectiva de análise sintática, é forçoso tecer alguns esclarecimentos extralinguísticos que, certamente, influenciaram na aquisição dos dados acima demonstrados.

Muitos estudos indicam que, no Português Brasileiro, o verbo "Ter" já assumiu o posto canônico, suplantando, por sua vez, o verbo "haver", que costuma ser o

mais comum no PE, além de ser o que costuma aparecer em gêneros escritos da nossa língua, pois o mesmo apresenta alto grau de formalidade, sendo usado apenas em contextos mais formais.

Considerando o gênero escolhido para composição do *corpus* (Cartas de leitor do século XIX), é de se esperar que, as pessoas tendessem a utilizar uma linguagem mais formal, que por sua vez privilegiava o verbo "haver", fazendo assim, que os dados quantificados acima, demonstrem um número bem maior de ocorrência do verbo canônico do uso formal, no entanto, ainda assim, é possível encontrar o aparecimento dos verbos que propusemos analisar, e portanto, nosso objetivo continua a ser atendido, já que ele consiste, principalmente em analisar os contextos sintáticos de ocorrência do verbo "ser", com contexto existencial.

Após termos feito a quantificação e análise do *corpus* histórico, buscamos empreender um teste de gramaticalidade na internet⁴, no qual, os respondentes deveriam identificar, de acordo com a perspectiva de cada um, as frases que mais lhes soavam gramatical. Esse teste foi composto de 31 sentenças. :

Tal teste foi feito com as próprias sentenças encontradas nas cartas, repetindo-lhes as mesmas estruturas e constituintes sintáticos, modificando-lhes apenas os verbos, de "haver", por exemplo, por "ser", além de, algumas vezes, fazermos algumas modificações para testar a aceitabilidade do verbo "ser" em contextos específicos. Com semelhante teste pretendíamos verificar o grau de aceitação dos verbos de forma mais fidedigna, haja vista que, se pedíssemos que eles produzissem sentenças em um texto escrito, poderiam ser influenciados pelo nível de formalidade do gênero textual, e assim causar interferência nos resultados finais.

Um primeiro fato constatado nessa pesquisa de gramaticalidade foi a maior preferência dos indivíduos pelo uso do "Ter" ao invés do "Haver", já que, praticamente em todas as ocorrências, o verbo "Ter" sempre foi taxado como o mais natural e o qual os usuários usariam em situações comum de fala. Contrastivamente,

⁴ - Esse teste foi feito por meio de formulário de google, no qual as pessoas atribuíam um valor de 0 a 5 às sentenças que lhes foram apresentadas. Essas foram retiradas das cartas e realizadas algumas modificações para que assim pudéssemos observar a aceitabilidade das sentenças com acréscimo de novos elementos sintáticos em suas estruturas tais como DP's, ADVP's, entre outros.

percebemos que, em todas as cartas analisadas do séc. XIX, houve apenas uma ocorrência do "ter", em contrapartida com o "haver" que contabilizou 20 aparições, o que caracteriza um certo paradigma de mudança no uso dessas variáveis linguísticas.

A respeito do uso de "ser" em contexto existencial, foram encontradas algumas evidências que possibilitam o uso dessa cópula sem que haja agramaticalidade. Nas cartas foram encontradas apenas três desses tipos de orações, e no teste de gramaticalidade, sempre que os verbos existenciais canônicos eram colocados na posição em que foi encontrado a cópula "ser", não havia prejuízo para sentença.

Ao realizarmos a ação inversa (colocar o verbo cópula em posição dos verbos canônicos existenciais) não ocorria a mesma aceitação na mudança, e em todas as situações, para que houvesse gramaticalidade, seria necessário o acréscimo de algum tipo de constituinte novo na estrutura sintática, tais como artigos, locuções locativas, etc. Vejamos a seguir o baixo grau de aceitação que foi dado ao verbo "existir"; quando ele é substituído por "ser", pois o índice de aceitabilidade cai consideravelmente, no entanto, se acrescentarmos um elemento além do verbo "ser", a aceitação sobe um pouco, mostrando-nos a ideia de que ele é mais "exigente", e portanto postula estruturas sintáticas mais específicas para que haja sua realização. Observemos:

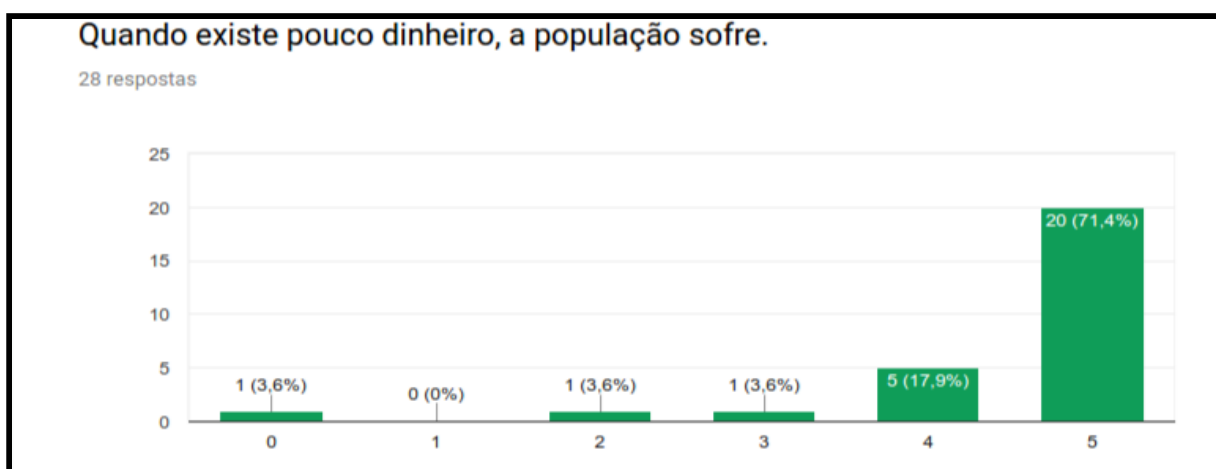


Figura 2

Como podemos ver no gráfico (figura 2), 71,4% das respostas dos testes de gramaticalidade conferiram ao verbo “existir”, na sentença em destaque, um status de alta aceitação considerando essa sentença como realizável em vários contextos de uso da língua, tais como informais e formais. Dos que responderam, apenas 17,9% disseram que substituiriam tal verbo por outro, como "ter". Agora vejamos a mudança nos gráficos da sentença com "ser":

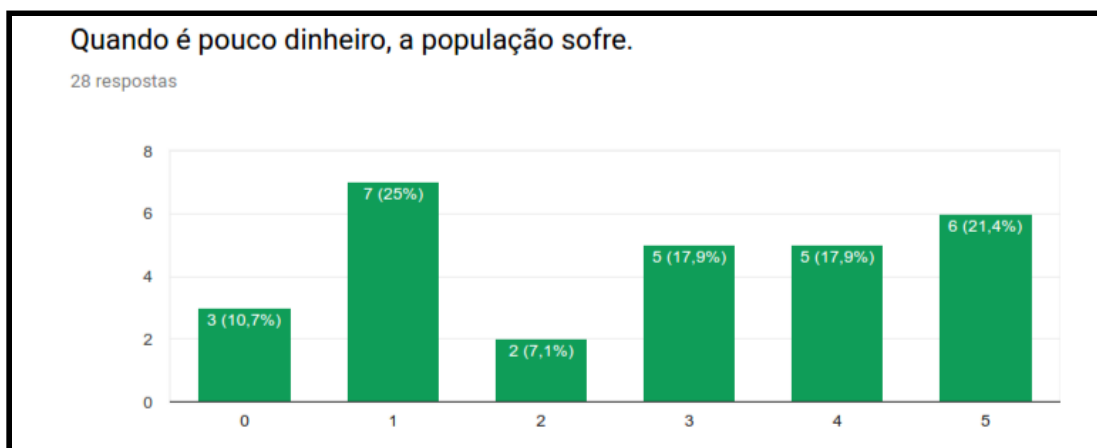


Figura 3

É possível observar a grande queda no grau de aceitação, que cai de 71,4% (no gráfico 2) com o verbo "existir", para apenas 21,4% (no gráfico 3) com o verbo cópula existencial, e há o surgimento alto da opção "1", nas quais os respondentes deveriam marcar caso considerassem alguma adição ou supressão de palavras necessárias. Levando em consideração esse alto índice na opção "1", disponibilizamos uma sentença semelhante, só que, agora com o acréscimo de um artigo antes do NP "dinheiro", formando o DP⁵ "o dinheiro", vejamos a mudança que aconteceu nos gráficos:

⁵ - As línguas naturais possuem itens lexicais finitos que, por sua vez, formam categorias hierarquicamente maiores, que são identificadas como categorias sintagmáticas. Se esta categoria tiver como núcleo um determinante (D) em sua estrutura, tais como artigos ou pronomes demonstrativos, ela será identificada como um DP.

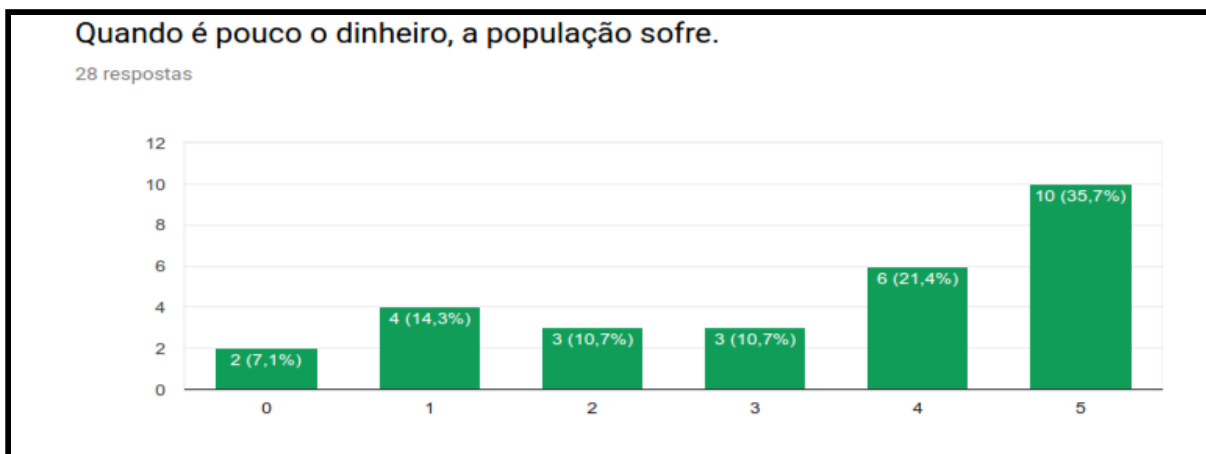


Figura 4

Atentemo-nos agora para o que ocorreu com o índice de naturalidade devido ao fato de ter ocorrido o acréscimo do DP antes do NP⁶ na figura 4. O gráfico que indicava 21,4% (na figura 3) sobe para 35,7% (figura 4), enquanto que o item 1, que antes encontrava-se com 25%, cai para 14,3%, ou seja, a sentença tornou-se mais natural e aceitável, isso também é corroborado pelo item "0", que indicava impossibilidade de reprodução de uma sentença como aquela, que anteriormente (figura 3), sem o DP, se encontrava com 10%, e com o DP cai para 7%.

Embora haja relativa correspondência entre os verbos existenciais e a cópula "ser", é inegável a preferência dos primeiros em detrimento do segundo, como foi demonstrado nos gráficos anteriores. No entanto vale enfatizar que, anteriormente, demonstramos a substituição de um verbo canônico pelo "ser", e assim houve essa variação na atribuição de naturalidade da sentença, porém, surge-nos a indagação: Se modificássemos uma sentença das cartas que tivesse o verbo "ser" como o verbo original, haveria a mesma variação de aceitação? O verbo "ser" continuaria desprivilegiado em relação aos outros? Visando responder a esses questionamentos fizemos o mesmo teste, mas agora, seriam os outros verbos os substitutos, e não mais o "ser". Vejamos:

⁶ - Da mesma forma como foi esclarecido a respeito do DP, no entanto, no caso do NP, a categoria sintagmática tem como núcleo um substantivo (Um *Nome*, portanto um N).

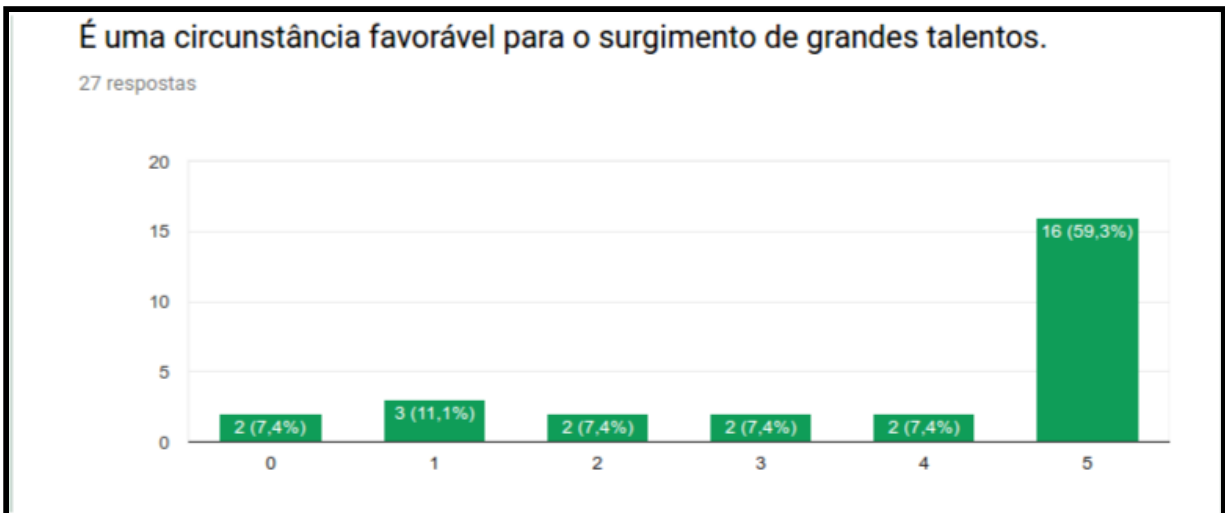


Figura 5

A sentença acima demonstrada foi encontrada em uma carta de 1852, e como pode ser visto, na análise dos questionados, alcançou um índice elevado de aceitação e naturalidade, ou seja, essa sentença existencial com o verbo "ser" é potencialmente produzida pelos usuários do PB. Para mostrarmos o status existencial dessa sentença, refizemo-la com os outros verbos. Percebamos o seguinte gráfico para tecermos alguns comentários:

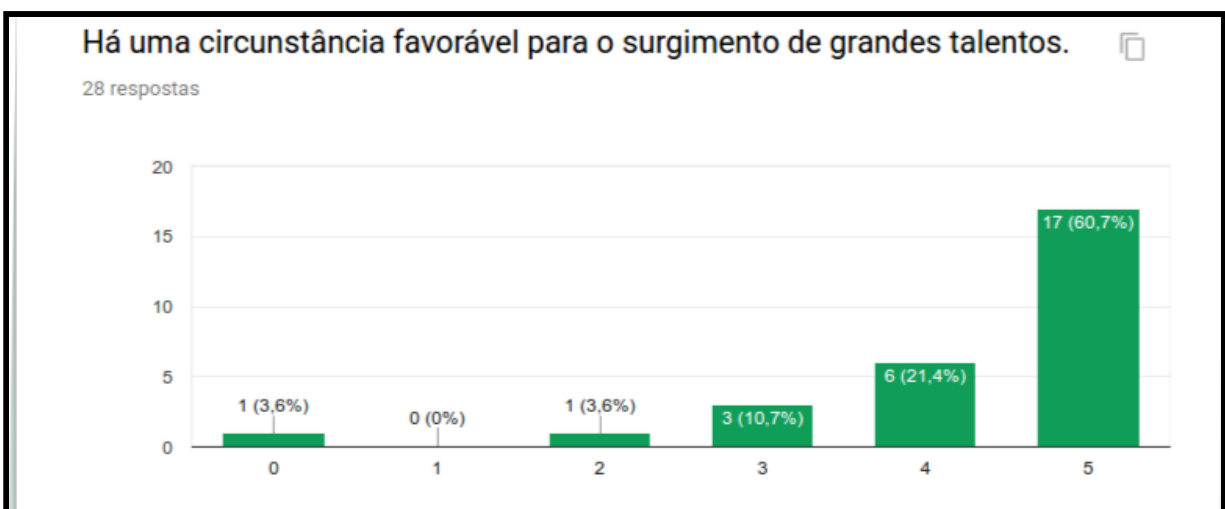


Figura 6

Antes de iniciarmos os comentários sobre os resultados das figuras 5 e 6, vale a pena ressaltar que nas línguas naturais cada item lexical traz consigo uma série de especificações morfossintáticas que determinam o tipo de relação que cada palavra estabelecerá com outras que fazem parte do mesmo constituinte sintagmático. Por exemplo: sabemos que um determinante sempre precederá um nome, na língua portuguesa, e se tal regra não for respeitada, a estrutura torna-se inviável, portanto há um bloqueio, já que regras básicas na derivação sintática não foram respeitadas, e assim advém o bloqueio na derivação, como na demonstração a seguir, na qual a segunda sentença exemplifica bem o que estamos discutindo aqui:

(14)

a- O menino dança.

b- Menino o dança.*

Curiosamente, ao analisarmos os dados demonstrados para a sentença: "É uma circunstância favorável para apreciação de grandes talentos" (figura 5), em contraposição à "Há uma circunstância favorável para apreciação de grandes talentos." (figura 6), chegamos à percepção de que ocorre um bloqueio ao colocarmos um verbo copular em posições canônicas dos verbos existenciais, porém o mesmo não acontece partindo de uma cópula para um existencial, pois não há a mesma dificuldade, porque nesse caso quase não existem mudanças no alto grau de potencialidade de reprodução e aceitação dos usuários. Isso nos parece evidenciar que, de um "haver", "ter" e "existir" a um "ser" existem bloqueios, mas partindo-se desse último em direção aos outros, não existe esse bloqueio, como vemos nos quadros do teste de gramaticalidade demonstrados anteriormente.

Como pôde ser percebido, nessa parte do trabalho foram feitas algumas comparações com as sentenças das cartas em contraposição com as sentenças do teste de gramaticalidade para que assim pudéssemos evidenciar alguns contrastes

entre as diferentes ocorrências dos verbos de cópula "ser/estar" bem como tecer alguns comentários sobre a ocorrência desses verbos.

Os dados discutidos durante essa etapa nos deram subsídios para irmos adiante com análise dos dados, desta vez, nos atendo a uma análise sintática do *corpus* que dispomos.

4.2 Análise sintática do Corpus

Detendo-nos numa análise estrutural das seguintes sentenças da cópula "ser" encontradas nas cartas e as sentenças apresentadas no teste de gramaticalidade, podemos fazer algumas reflexões pertinentes a respeito das ocorrências destacadas no exemplo 15:

(15)

- a- **É** singularismo, que em Roma, onde os tributos eram pagos, nem sequer se imaginasse, que eles pudessem usurpar as funções do povo.

- b- **É** uma circunstância favorável para apreciação de grandes talentos.

- c- **É** um povoado que contém mais de um cento de casas de telhas.

Levantando algumas características dessas sentenças em paralelo com as existenciais canônicas, devemos considerar de antemão a afirmação dos pesquisadores como Kato e Nascimento (1995), ao afirmarem que "as orações existenciais são, na verdade, uma subclasse das construções inacusativas."; e como tais, não conseguem atribuir caso ao seu argumento interno, já que a posição de sujeito encontra-se vazia. Com isso, percebe-se que semanticamente, há esse tipo de correlação entre os verbos "ser", "haver", "existir", e "ter", considerando, porém, esse último como caso de exceção, já que em algumas construções ele pode receber sintagmas que podem ocupar a posição de sujeito, possibilitando que ele, por sua vez, atribua o acusativo ao seu argumento interno.

Um outro ponto importante a observamos é o fato de que assim como os verbos "haver" e "existir", é possível perceber que o verbo "ser" consegue introduzir um novo tópico discursivo, da mesma forma como ocorre nos demais verbos existenciais; tornando-as, portanto, representativas, como nos afirma Nascimento (2014, p.249): "A função representativa dessas sentenças deve-se ao fato de que a posição pós-verbal em que se encontra o DP é própria para receber sintagmas focalizados, que carregam informação nova, ou pelo menos parte da informação nova." Dessa maneira podemos notar que, de fato, os verbos que selecionam os DP's "singularismo", "uma circunstância" e "um povoado", nas sentenças do exemplo 15, abaixo repetidas, conseguem introduzir um novo tópico discursivo em seu escopo semântico:

É singularismo, que em Roma, onde os tributos eram pagos, nem sequer se imaginasse, que eles pudessem usurpar as funções do povo.

É uma circunstância favorável para apreciação de grandes talentos.

É um povoado que contém mais de um cento de casas de telhas.

Nota-se que nessas sentenças os verbos conseguem trazer um novo item focalizado, da mesma forma que ocorreria com "haver", "existir", e "ter".

Pudemos perceber em todas as ocorrências com a cópula "ser", que ele sempre realizava uma projeção com um tema definido, e este tema ocorria à sua direita, diferentemente do que encontramos em relação aos verbos existenciais nas cartas, haja vista que sempre os verbos "haver" e "existir" possuíam elementos que os antecediam, geralmente um advérbio ou locução adverbial. Com isso, notamos que há um primeiro indício para a concorrência dos itens verbais que estão sendo discutidos ao longo desse trabalho: um grupo que pode ter projeção à sua esquerda e direita "ter", "existir" e "haver", e aqueles que aceitam apenas à sua direita "ser".

Os pesquisadores Kato e Nascimento (1995) nos apontam algumas das características intrínsecas aos verbos existenciais e os copulares. Um dos traços

distintivos entre esses dois tipos de sentenças é o Efeito de Definitude (ED), isto é, um nome acompanhado de algum determinante (DP). Este fato demonstra uma diferença na seleção dos complementos entre esses dois tipos verbais. Viotti (2002, p.135), ao discutir as ideias de Hawkins, nos diz que:

Para que o uso do artigo definido seja licenciado, é necessário que haja um conjunto de conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte, de modo que o referente do sintagma nominal introduzido pelo artigo definido possa ser localizado dentro desse conjunto. Sem isso, o uso de um artigo definido, em qualquer contexto, pode causar resultados anômalos. (VIOTTI, 2002, p. 136)

Portanto percebemos que, por geralmente se encontrar em início de sentenças e por não ter força discursiva para retomar elementos, os verbos existenciais canônicos não costumam ocorrer com esses artigos que trazem determinação, diferentemente do "ser", que por vezes só recebe o status gramatical se houver um DP definido após si, como foi observado no teste de gramaticalidade feito por nós. Trazendo exemplos da língua inglesa, Kato e Nascimento (1995) nos possibilitam observar semelhanças entre o Inglês com Português, como por exemplo:

(16)

- a- There is a poet in the room. (Há/Tem/Existe um poeta no quarto.)
- b- There is the poet in the room.* (Há/Tem/Existe o poeta no quarto.)*
- c- The boy is a poet. (O garoto é um poeta).
- d- The boy is the poet*. (O garoto é o poeta).**⁷

Em relação a essa segunda sentença, vemos que no PB, ela poderia ser aceita com a cópula "ser", e "estar", preferencialmente o segundo, devido o conteúdo semântico transitório que é expresso pela sentença. Assim, vê-se que se houvesse um contexto pragmático anterior que possibilitasse a sua ocorrência, os verbos cópulas poderiam ocorrer mesmo com o efeito de definitude.

⁷ Exemplos retirados de Kato e Nascimento (1995).

Fazendo uma comparação com as sentenças que acabamos de demonstrar, os autores nos evidenciam um fenômeno da língua inglesa que parece ter correlação também no Português Brasileiro, a saber, as restrições que os verbos existenciais possuem na seleção de seus complementos, à semelhança dos verbos de ligação. Essa mesma restrição ocorre no Inglês, valendo ressaltar, no entanto, sobre as devidas diferenças sintáticas que existem entre ambas as línguas, que de certa forma interferem nos elementos selecionados pelos verbos inacusativos, como, por exemplo, no que se refere ao status de língua semi pro-drop⁸ do Português e pro-drop do Inglês, que pode influenciar na projeção dos verbos sobre os elementos que eles solicitam. Deixando de lado essas diferenças estruturais, podemos perceber semelhanças entre verbos existenciais do português e do inglês nos seguintes exemplos apresentados pelos autores:

(17)

a- There is an actor in the room. (Há/Tem/Existe um ator no quarto.)

b- There is the actor in the room.(Há/Tem/Existe o ator no quarto.)*

Com essas elucidações, notamos que além de conter as mesmas restrições estruturais sobre seus complementos, os verbos existenciais e copulativos também exercem as mesmas influências sobre os sintagmas que selecionam. O mesmo ocorre em exemplos que encontramos nas cartas analisadas (desde que esses verbos não estivessem selecionando sintagmas complexos como orações).

Ao nos determos em algumas das orações existenciais com "haver" ou "ter", poderemos encontrar contextos que nos oferecem espaços para algumas reflexões a respeito da restrição predicacional desses verbos, como também da cópula "ser". Observemos uma das sentenças que encontramos em uma das cartas:

(18)

⁸ Semi pro-drop são línguas que, como o Português, em determinados contextos exigem o preenchimento da categoria de sujeito, e em outros contextos permitem que ela apareça vazia; já língua pro-drop como inglês em nenhuma hipótese permitem que a categoria de sujeito permaneça vazia.

a- "Quando há pouco dinheiro, a população sofre"

Assim como relatado anteriormente, poderemos perceber que, de fato, o argumento selecionado pelo verbo existencial não poderia receber um elemento que lhe desse caráter de definitude, pois assim, a gramaticalidade da sentença seria bloqueada:

(19)

a- "Quando há pouco o dinheiro, a população sofre"*

No entanto, é curioso ressaltar que, se no lugar de "haver" substituíssemos pelo verbo "ser", esse caráter de definitude seria requisitado, caso contrário a sentença se tornaria agramatical, como podemos ver a seguir:

(20)

a-"Quando é pouco dinheiro, a população sofre."(??)

b-"Quando é pouco o dinheiro, a população sofre."

Mediante tal ocorrência, poderíamos nos perguntar o que motiva tal fenômeno, quais traços são postulados pelo verbo cópula existencial que difere daquele solicitado pelo "ter" e "haver", e por qual razão houve, ao longo do português brasileiro, a predominância em detrimento do primeiro?

Algo que nos chama a atenção é o fato de que para ocorrência do verbo cópula com o sentido existencial, há a possibilidade de preenchimento da categoria de sujeito, mesmo que ela esteja deslocada de sua posição canônica, como é o caso da sentença em destaque, haja vista que, se colocarmos um DP antes de "dinheiro", a posição de sujeito será estabelecida, preenchendo assim uma necessidade do verbo copular, como podemos observar na seguinte estrutura:

(21) a- [[ADVP quando] [DP o dinheiro [VP é [AP pouco]]] [DP a população [VP sofre]]]

b- [[ADVP quando] [DPi [VP é [AP pouco] [DPi o dinheiro]]] [DP a população [VP sofre]]]

Como pode ser visto, a gramaticalidade da sentença é mantida, já que o sintagma que ocupa a posição de sujeito pôde ser transferido para outro local da sentença sem que com isso houvesse prejuízo, já que o vestígio do DP continua preenchendo a posição canônica na sentença depois que há a movimentação dele para a posição pós-verbal, embora convenha reforçar que com os canônicos existenciais pode dar-se o fenômeno inverso, pois: "quando o Tema é definido, uma estratégia seria a de deslocá-lo para uma posição externa à sentença." (GONÇALES, 2014, p.278)

Em paralelo a essa ocorrência, constatamos que por não projetar a posição de sujeito, os verbos "ter", "haver" e "existir" não aceitariam o DP "o dinheiro", pelo fato dele necessitar preencher essa categoria, sem que os verbos pudessem lhe projetar. Tais observações convergem para as explicações de Evani Viotti (2002), que nos afirma que "nessas sentenças a posição de sujeito ou aparece vazia, ou é preenchida por um expletivo sem conteúdo semântico"; e que, portanto "as sentenças existenciais não têm sua posição de sujeito preenchida por nenhum referente." (2002, p. 142).

Se nos atermos à ocorrências de sentenças do inglês, verificaremos que o verbo *be* como existencial é licenciado pelo conteúdo expletivo *There*, fenômeno este que encontra correspondência em outras línguas como o italiano, francês, entre outros idiomas. Essas línguas possuem segundo Chomsky (1995) *apud* Gonçalves (2014) o expletivo puro, como é o caso do *There*, do inglês, *ci* do Italiano, e assim por diante; E esses expletivos, por serem puros, não trazem consigo traços ϕ , diferentemente dos expletivos com caso (quase-argumentais), que seriam responsáveis pela ocorrência do verbo "ser" com o sentido existencial.

Ao analisar alguns dos traços comuns entre as orações aqui estudadas, Gonçalves (2012) também nos traz uma importante informação a ser considerada na análise dos dados que obtemos, a saber, uma categoria portadora de traço de grau, pois como ela nos afirma:

As orações existenciais com "ser" se diferem daquelas com "ter", "haver" [...] por trazerem em seu interior uma categoria portadora do traço de grau (Deg) que, no decurso da derivação sintática, precisa estabelecer uma relação de adjacência com a categoria V. (GONÇALVES, 2012, p.24)

Tal fenômeno encontra correspondência nos dados que foram encontrados nas cartas que analisamos, pois nas sentenças encontradas foi perceptível a necessidade de uma categoria portadora de traço de grau (advérbio, artigo indefinido, numeral, etc); E essas categorias foram necessárias para a realização do verbo cópula "ser" com sentido existencial, fenômeno que encontra correlação com as sentenças encontradas em nosso *corpus*:

(22)

- a- "Quando é pouco o dinheiro, a população sofre."
- b- "É pouco o dinheiro, a população sofre."*

Vê-se nos exemplos acima que a categoria adverbial é extremamente necessária para que a sentença alcance a gramaticalidade, assim como o quantificador "pouco", que na sentença em análise é estritamente necessário para a boa derivação sintática, e serve para realizar o caráter avaliativo da sentença em destaque.

Como pôde ser notado, os fenômenos acima descritos esclareceram um ponto de divergência entre a ocorrência de "ser" existencial daquelas de "ter", "haver" e "existir"; no entanto, também foi possível encontrar nas cartas analisadas, contextos sintáticos que demonstraram pontos de convergência entre esses verbos. Como no caso de sentenças seguidas de um NP indefinido, como demonstrado nos exemplos no início desse capítulo e retomados a seguir:

(23)

a- **É** uma circunstância favorável para apreciação de grandes talentos.

b- **É** um povoado que contém mais de um cento de casas de telhas

Diferentemente do que ocorre na sentença analisadas nos exemplos 23 "a" e "b", podemos modificar o verbo "ser", por qualquer um dos outros verbos existenciais, sem que haja nenhuma perda semântica. Nessas ocorrências, de forma contrária ao que aconteceu na sentença que teve a posição de sujeito projetada, podemos notar que o que na realidade ocorre, é uma realização do status semântico inerente às existenciais, pois tais artigos indefinidos não trazem um tópico discursivo novo, e assim, possibilitam uma interpretação dentro da própria estrutura, sem necessidade de nenhum acréscimo, ou seja, "...para que os sintagmas nominais complemento do verbo de existenciais sejam interpretados, o ouvinte tende a recorrer exclusivamente à informação contida na própria sentença existencial". (ViOTTI, 2002, p. 144); e no caso observado o sintagma nominal indefinido consegue cumprir tal exigência, diferentemente dos sintagmas definidos, que restringem o tópico focalizado à sentença, impedindo, dessa forma, possibilidades de generalizações.

Algumas das sentenças encontradas nas cartas analisadas nos mostram um paralelismo grande entre as sentenças existenciais e as de cópula, como vemos logo a seguir:

(24)

a- Nesse lugar havia alguns mocambos [...];

b- Nesse lugar estavam alguns mocambos [...];

c- Nesse lugar tinha alguns mocambos [...];

Ao nos atermos nas categorias que as sentenças possuem, perceberemos que, quando há um elemento locativo presente na estrutura, tal fato possibilita um maior intercâmbio entre os diferentes verbos.

Lyons (1968) *apud* Avelar (2004), nos mostra que, justamente essa base locativa, é um dos elementos que contribuem para que construções com "ter", "haver", "existir", "estar" e "ser" consigam demonstrar uma base comum para as suas derivações, já que "as sentenças de [...] existência são obtidas a partir de procedimentos sintáticos que, atuando numa tal ordem, afetam uma estrutura locativa e derivam aquelas construções." (AVELAR, 2004, p.11). Dessa maneira observamos que, justamente em contextos com essa posição locativa, há possibilidades para coocorrência desses verbos.

Foi perceptível na análise de nosso *corpus* que em todas as orações nas quais apareceram verbos copulares com sentido existencial, eles sempre se encontravam no presente do indicativo, e segundo Gonçalves (2012), foi justamente nessa modalidade verbal que o verbo "haver" passou a ocupar maior espaço, tornando, portanto, o "ser" obsoleto e bloqueado. Já os verbos "existir" e "ter" não demonstraram tal tendência de ocupação de verbos no presente do indicativo, pois não foi possível constatar nenhuma preferência em relação ao tempo verbal.

Embora estejamos enfocando fenômenos sintáticos em relação aos verbos em análise, também é válido ressaltar o traço semântico do tema, se animado, se inanimado material, abstrato, etc. Das três ocorrências com o verbo "ser", dois deles eram abstratos ("singularismo" e "circunstância"), e apenas um imaterial ("povoado"), já das 20 ocorrências com haver, 13 foram abstratos, 4 animados materiais e 3 inanimados materiais. Diante disso, percebemos que, semanticamente, o ponto de intersecção entre os verbos cópula "ser" e os existenciais canônicos, são os temas abstratos, e o que mais os distanciam são os animados materiais.

Como podemos constatar até aqui, estamos reunindo fatos que evidenciam semelhanças e diferenças entre esses verbos, e o "ser" ao que nos tem parecido, é mais exigente e possui possibilidades de ocorrência mais específicas e restritas do que os verbos "ter", "haver" e "existir", pois aquele outro costuma ser mais genérico e assim abarca maiores possibilidades de ocorrência, exigindo, dessa forma, maior quantidade de elementos para ganhar seu estatuto existencial, como vemos na distinção da tabela a seguir:

<p>Ser/estar (existencial)</p> <p>Inserir novos tópicos na sentença(+)</p> <p>Atribuição de caso ao argumento interno(+)</p> <p>Projeção de DP definido (+)</p> <p>Projeta posições a sua direita.</p>	<p>Ter/Haver/Existir</p> <p>Inserir novos tópicos na sentença (+)</p> <p>Atribuição de caso ao argumento interno(-)⁹</p> <p>Projeção de DP definido (-)</p> <p>Projeta posições à sua direita e esquerda.</p>
<p>Categoria de sujeito pode ser preenchida.</p>	<p>Categoria de sujeito não é preenchida.</p>

Fonte: Autor deste trabalho

Ao longo do trabalho nos empenhamos em analisar quantitativamente e qualitativamente o *corpus*. Durante nossas análises nos foi possível levantar algumas discussões, como também identificar algumas características dos verbos em análise, e assim, trazermos algo novo para os estudos sobre o tema. Como principais resultados trouxemos uma análise comparativa entre dois períodos distintos do Português brasileiro (PB), levantamento de algumas análises sintáticas e também semântica, além de trazer exemplos para demonstrações de algumas das principais perspectivas a respeito do tema em estudo.

⁹ Com exceção de "ter".

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É comumente assumido que as línguas humanas variam diacronicamente e sincronicamente, e portanto, cada uma dessas áreas fornece meios diversos para que os pesquisadores estudem fenômenos que ocorreram ou estão ocorrendo nas línguas naturais; logo, todo empreendimento visando compreender essas diferentes fases tornam-se importantes, pois assim desvendamos vários aspectos e mecanismos que perpassam a comunicação humana por meio da língua.

Nesse estudo, nos empenhamos em tentar descrever um pouco sobre um aspecto diacrônico do verbo copular "ser" com o sentido existencial. Alguns pesquisadores já se empenharam em estudar os aspectos existenciais desses verbos, além dos chamados "canônicos", embora ainda muito haja para ser pesquisado sobre o tema, e foi justamente numa dessas lacunas que buscamos dedicar o nosso estudo.

Ao nos atermos à variante do século XIX em comparação com dados atuais do Português Brasileiro, tentamos estabelecer um estudo comparativo que buscasse identificar quais eram as estruturas sintáticas comuns ao uso de verbos copulares com sentido existencial e quais são os mecanismos utilizados na língua para que esses verbos continuem a exercer essa mesma função, e quais as razões para que eles sejam bloqueados em contextos que anteriormente eram utilizados.

Certamente o nosso trabalho não encerra todas as questões que giram em torno do tema, mas acreditamos que com esse trabalho que trouxemos pudemos contribuir de alguma forma para um fenômeno tão complexo da língua como a variação diacrônica.

Como pôde ser notado, além da comparação, tentamos trazer alguns dados sintáticos e semânticos que contribuem/contribuíram para o surgimento da variação que por hora se apresenta em nossa língua, focalizando, especificamente, o dialeto pernambucano da cidade de Recife do século retrasado.

Vale ressaltar que o material que aqui foi analisado constitui um levantamento novo de análise, pois embora essa temática haja sido analisada em corpus da cidade do Recife, esse que aqui foi um material inédito que nos foi cedido, e que portanto, também traz como contribuição a quantificação de novos dados, bem como novos aspectos por meio da análise que realizamos fazendo comparações entre o corpus histórico e o atual que foi obtido por meio do teste de gramaticalidade.

Como contribuição de nossas análises, levantamos alguns aspectos sintáticos e semânticos que aproximam o “ser” dos demais verbos existenciais canônicos, como também quais contextos distanciam um dos outros. Os resultados nos levaram a indicar algumas das causas que possibilitam a ocorrência da variação entre a escolha dos verbos estudados.

No campo sintático, levantamos a hipótese da presença de DP’s como item potencializador da ocorrência de “ser” como existencial; movimentação de constituintes para gramaticalização de sentenças existenciais com a cópula estudada; discussão da força argumental da função existencial em geral, entre outros.

Além desses elementos, também características morfossintáticas, e até mesmo questões semânticas foram relevantes para estudo do fenômeno em questão, pois percebemos que algumas vezes, o uso do “ser” em sentido de existência também depende de condições pragmáticas para ocorrência.

Esperamos que essa discussão aqui levantada sirva de subsídio para futuros estudos que busquem se aprofundar ainda mais nos estudos a respeito da cópula “ser” ou dos verbos existenciais, já que nosso trabalho permeou os dois temas, pois mesmo sendo uma pesquisa sucinta, devido à característica do trabalho, acreditamos ter contribuído de alguma forma para o tema, ainda que de forma singela.

6. REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas-USP, 2002. v. III, p. 47-68.

AVELAR, J. **Dinâmicas morfossintáticas com ‘ter’, ‘ser’ e ‘estar’ em português brasileiro**. Campinas: UNICAMP, 2004. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística).

AVELAR, J. **Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro**. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 99-143, jun./dez. 2006.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: Uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. 4 ed. São Paulo: Parábola. 2002.

DUARTE, M. Eugênia L. **O sujeito expletivo e as construções existenciais**. In: Roncarati et al. (orgs) **Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: Revista Letras, nº 7, no prelo.

GONÇALVES, Elisângela. **Substituição de Ser por Haver nas construções existenciais do Português: Um estudo Diacrônico**. ABRALIN, v.13, n.1, p. 257-299, jan./jun. 2014

MATTOS e SILVA, R. V. **Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver, ter no galego-português ducentista**. Estudos lingüísticos e literários, 19. p. 253-285, 1997.

NASCIMENTO, Milton; A. KATO, Mary. **O Estatuto dos Nominais Pós-Verbais dos Verbos Inacusativos**. Belo Horizonte, v. 1, n. 4, p. 31-74, jan./jun. 1995.

RAPOSO, E. O Modelo de Princípios e Parâmetros. In: _____. (Org.). **A teoria da Gramática. A Faculdade de Linguagem**. Lisboa: Caminho, 1992. p. 54-63.

SIBALDO, A. **A sintaxe das sentenças copulares: Diacronia e Sincronia no Português Pernambucano**. Projeto de Pesquisa. UFRPE, 2011.

SIBALDO, A. **Para uma sintaxe Diacrônica das sentenças copulares do Português**. Maceió, n .47, p .43-70, jan/jun. 2011.

SIBALDO, A; CORREIA, S. **Verbos Existenciais através do tempo: O caso do Português de Pernambuco**. In: SEDRINS, A. P.; SÁ E. J. (org.). Aspectos descritivos e sócio-históricos da língua falada em Pernambuco. Recife: Editora universitária da UFRPE, 2015. p.305-317

SILVA, Elisângela S. **Ser ou Não Ser eis a questão com o verbo Ser no Português Brasileiro Contemporâneo**. Campinas: UNICAMP, 2012. Tese de Doutorado.

TARALLO, F. **A Pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: editora ática. 2006

TORRES MORAIS, M. A. C. R. **Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil**. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Orgs). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

VAREJÃO, F. **O Português do Brasil: Revisitando a história**. Niterói, n. 39, p. 119-137, 2009.

VIOTTI, Evani. **Sobre o efeito de definitude nas sentenças existenciais**. São Paulo, n especial, p. 127-153. 2002.

ANEXOS:

Modalidade: Língua escrita.

Tipo de Texto: Carta de Leitor.

Assunto: Carta que possui a autoria de vários codinomes para um único autor – como sinal de insignificância – e que retrata uma intertextualidade explícita e direcionada a um padre e sua publicação anterior. No texto, o autor critica e ofende abertamente o padre a quem chama de vários nomes.

Data do documento: 08 de janeiro de 1830.

Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.

Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diário de Pernambuco*.

Identificação do autor: “O *Trambolhista*, ou *Sonâmbulo*, ou *Magnetizado*, ou o que quizerem”.

Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da.

Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom.

Sr. Edictor – Eu bem sei, que o Lombriga, que de carrasco do Publico passou a | dignissimo enviado da muito guapa, o cogumela, e columnista Camara do Recife (bem se | vê, que exceptuo os Illustres Membros, verdadeiramente Constitucionaes, que para taõ | porca nomeação, e cabala de certo não concorreraõ) já se vai por esses Atlantico fôra, e | talvez já tenha chegado a Corte, e enchido as medidas da adulação, e da intriga: mas como | he muito provavel, que ahi deixasse suplente rabiscador do Cruzeiro; continuarei a tozar o | lombriga, objecto credor de eterna e nunca interrompida malhação: e assim como esse | verme ora he o Telescopio, ao o Bacalháo (de si mesmo) ora o Seminarista zangado, ora o | Calumninha, e ultimamernte, buscando epitheto mais adequado, o comezinho, meu mui | digno – Escova-botas-; eu taõbem para o esfregar in *aeternum et ultra* vou apparecendo | assignado já Somnambulo, já Trambolhista, já Magnetizado, e se alguma toza ainda resta | por esses periodicos, cujos [ilegível] as queiraõ ingeitar; eu as aceito por minhas, huma vez que se | encaminhem a sustentar o Imperador, e a Constituição jurada, e a suplantar a Columna, e | alguns de seos [ilegível] sócios: tanto me glorio desta honrosa tarefa! (epiphonema). || Vou me pois ao meu – Escoba-botas do Cruzeiro 173, como quem com bastante sede | para aguçar o appetite abucanha huma cocada de laranja (exemplo de cathecreze n’ Aula de | Zuzá: e como essa miseravel produção do Forca he hum verdadeiro sarapatel de sandices, | de falta de [ilegível], e de supina ignorancia, procurarei escuniar esse cozinhado, lançado fora as | saborras (que he quase tudo) para examinar taõ somente o que me diz respeito. Assevera o | meio lacaio Xico, que eu dera por author do venenoso livro- Voz da Natureza sobre a | origem dos Governos- ao servilissimo litterato Jose Agostinho de Macedo: mente Snr. | Lombriga, mente na

forma do costume; o que eu disse foi, que talvez seja este padre o autor | dessa obra, primeiramente porque apparece, como anonyma em hum estilo puro, e | brilhante, muito análogo ao d'aquelle Escriptor, e em fim porque nunca vi essa obra citada | em Publicista algum Francez, d'onde se diz traduzida: ainda dos mais chegados ao | *cogumelismo*: suponho sim, mas não assevero: ergo o escovador das minhas botas he | arengueiro, embrulhador, e mentiroso, quod erat demonstrandum. || D'aquella minha supposiçaõ conclue o bestunto do Lombriga, que eu nunca li essa rica | produçaõ do absolutismo agonizante. | Pois saiba, que eu fui talvez hum dos primeiros, que | recebi de Lisboa nesta Provincia não menos de quatro jogos; que li duas, ou tres vezes | essa obra; encantou-me o seu estilo; mas as suas idéas não me abalarão; e desta leitura so | aproveitei o confirmar-me na opiniaõ de que os absolutistas são incançaveis em firmar o | seu Systema oppressor; por que a Regencia de Portugal foi quem promoveo a impressaõ | desses livros; espalharã-se como huma torrente para fazer barreira as luzes do seculo, e ao | espirito publico: mas o resultado assas patenteou a influencia desses ardiz ; porque quando | mais vulgarizada estava a leitura da Voz da Natureza; os Portuguezes proclamaraõ a | Constituiçaõ! Na minha presença rogou hum pobre matuto ao meu amigo, e estimevel | Parocho João Paulo, que Deos haja, que lhe fosse escomungar as formigas, que lhe estavaõ | dando cabo de sua rocinha: foi o meu virtuoso vigario por contentar o bom homem, e | excomungou os malfazejos insectos: passados mezes , encontrando casualmente o matuto, | perguntei-lhe pelo resultado da excomunhaõ- Agora (respondeo-me elle zangado) agora, | *Snr.* Capitaõ, he que as drogas comem roça: applique [ilegível]. Vamos escumando o sarapatel. | Afirma esse linguica, que eu no Conciliador Nº12 disse, que o *Príncipe subio ao Throno | por gosto, e ultimo conselho de seu pai*; logo (conclue o burrinho) já afirmou, que a | Soberania do *Snr.* D. Pedro dimanou do principio de legitimidade. O' Lombriga dos meus | pecados, ó Forca, ó enguiço, ó calangre, ó miseria, tu quando tal escreveste, estava | ébrio, ou ainda incephalítico. || Que tem que o Príncipe subisse ao Throno por gosto, e conselho de seu Pai com o | principio de legitimidade? Suppoem, que tu mesmo te ordenaste por gosto, e conselho de | tua estimavel Tia, logo tua Tia foi quem te deo o character Sacerdotal que taõ indignamente | possues? Bem digo eu, que este pedante nem Logica estudou. Não merece resposta a | calumnia de ter eu insultado a Maria Santissima (se quem sou, e sempre fui indignissimo | devoto). Esse patif tem buscado todos os meios de me fazer odioso: as vai perdido; | porque so tem alcançado tornar-me acceito da minha Provincia, da Naçaõ e do Imperador, | cuja estima prefiro a todas as riquezas, e proteções dos despreziveis Cogumelos: appareçaõ | essas testemunhas (com tanto que não sejam columnas: porque depois da patifaria da | pasquinada juramento dessa canalha he a efusaõ da mentira, do odio, e da intriga) | appareçaõ essas duas testemunhas das minhas blasfemias, que quero ter o gosto de adquerir | mas dous tagarellas para assumpto inexaurível das minhas sovas. || Antes que me esqueça: sobre o principio da legitimidade fique dicto de uma vez para | sempre, que a minha opiniaõ he, que muito acertado, muito coveniente, muito util foi | aclamar o Brazil seu Imperador ao príncipe, que seria o herdeiro da Corõa no caso de não | ter havido Independencia: a legitimidade pois servio de excellente motivo: mas quem O fez I Imperador do Brazil foi a Naçaõ, verdade, que o mesmo Augusto *Snr.* Está dizendo todos | os dias. Eu sustento, e muito aprovo a legitimidade em seus termos; porque

conheço-lhe as | vantagens: mas cá para nos deve começar na Dinastia. A gusta do *Snr.* D. Pedro Iº, tudo e | mas he adulação ridícula, e injuriosa ao Soberano; por quanto vive o seu Real Pai Elle não | podia de seu moto proprio assumir a Corôa do Brazil, da qual só hera Regente Delegado, | ainda que seu proprio Pai assim o mandasse por hum Decreto, porque este mesmo o não | podia fazer: quanto mais que nunca o fez. || Diz mais o meu pagem Lombriga que eu já afirmei, que o Imperador nos deo a | Constituição: não me lembro, que tal dissesse, e se o disse foi em sentido lato, em tempos, | em que o fastidioso servilismo dos Columnas nos não obrigava a apurar tanto as | expressões. O Imperador offereceo o Projeto: isso he taõ sabido, he hum facto taõ solemne, | e confessado pelo Mesmo Monarcha, que a sua repetição já provoca nauzeas: logo não ha | tal anomalya no Art. 12 da Const., e cahe, desfaz-se, reduz-se a pó, e [ilegível] seduço jogo de | palavras de creador, e o creatura-janela de páo de pinho, de páo de pinho janela. Ora | meu caro Sr. Edictor, que nome darei a Xico, ao meo – Escova-botas-chamando-me tollo, | quando acaba, e continua a dizer enxurradas de tollice? Hum povo pode convencionar com | o seu Chefe para que o Governo sem Constituição- (disse eu) Isto mesmo he garapa, isto | mesmo he Constituição (diz o sufalto dos tollos) Isto mesmo he Constituição, tomada a | palavra na sua mais lata accepção: he Constituição dos diabos, he Constituição da Turquia, | do Japão, de que Deos nosso senhor nos livre, e de que são devotos os Srs. Da Carvoeira, | isto he: os Columnas; por isso dizem esses heroes, que são Constitucionaes; e o mais he, | que d’aquelle sentido ninguem mais Constitucional, do que Suas senhoras Cogumelas. || Ponho de parte as tripas sucadas da Voz da Natureza, que apparece neste sarapatel. | Guardo-me para quando assim mesmo fraco passar a rebater as sofisticas doutrinas desse | livro: (o que farei se Deos me ajudar). Chama-me um dezejo de hum tassalho de parvoice, | que na panella do meu pagem sobre-nada, cavalla. Vou-me a elle. Mete-me a bulha esse | enguiço por ter eu dito que na Grecia o Povo em massa decidia dos negócios. Vem ca’ | Lombriga, chega-te para aqui. Abre o 9º volume da Historia de Cindillac, Historia Antiga: | arregala esses olhinhos de temanduá; vê o que diz, tractando de Sparta no tempo de Licurgo | – A soberania rezidia propriamente no Povo: nas Assembleas do mesmo Povo se fazia a | eleição dos Senadores, e ali heraõ tomadas as ultimas resoluções. O Senado só tinha o | direito de deliberar sobre os negocios: destes dava conta ao Povo, e os pareceres do mesmo | Senado heraõ aprovados ou rejeitados- Já viste o que diz este Sabio? Folhêz agora as | obras do irmão, isto he; do profundo Mably tom. 29: Fallando dos gregos em geral, | exprime-se assim- Não só a Assembleia do Povo possuia em todas republicas o poder | legislativo; mas hos raro, que deixasse aos Magistrados liberdade de exercer as funções, de | que estes heraõ encarregados – Vejamos, Lombriga, como heraõ essas Assembleas do | povo. Abre o Contacto social de Rosseau, vê isto, Escanin – A Idea de Representantes do | Povo he moderna... Nas antigas Republicas, e mesmo nas Monarquias, nunca o Povo teve | representantes, nem semelhante tremo hera conhecido. He singularismo, que em Roma | onde os tribunos heraõ taõ Sagrados, nem sequer se imaginasse, que elles pudessem usurpar | as funções do Povo, e que no meio de taõ grande multidaõ nunca tentasse lavrar hum | Plebissito (Decreto) em qualidade de Chefes do Povo. Ajuíze-se entre tanto, que barulho | faria algumas vezes a multidaõ pelo que aconteceu no tempo dos Graecos: que huma parte | dos cidadãos dava os seus votos de sima dos telhados! – Estaõ, Padre Calangro,

quem he o | tollo, eu escudado pelos sapientíssimos Condillac, Mably, Rosseau, e muitos outros, que | podéra produzir, eu pedantisissimo Lombriga, totus, solus, unos contra os planos | conhecimentos de toda a História! Este desaforo passa das [ilegível] ... Menino, traze-me aquella | palmatória... Dá' cá' a mão Lombriga...abre, abre esses dedos de macaco... Pá'...pá'...pá'. Ardem, meu Forca? Toma mais: hás de chupar duas dúzias: pá'...pá'...pá'... Que [ilegível] dá' o | viadinho! Zuza já' chupou a competente doze: agora chegou-te a vez. Para que te envolves | em bebuxos de escriptor publico, se nada sabes? Quem te mandou orubú pelado, metter-te | no rancho dos coroados? Fica bem certo, orgulhoso pedantinho, que em apparecendo | escripto teu, a malhação minha he infalível. Vê se brilha, eu não brilho a teu respeito. O teu | suplente talvez sahia dizendo, que não hes o meo. Escova-botas: assim o fizeste tu mesmo | sobre o Seminarista zangado: eu conheço tanto o teu character, como os teus pedantescos escriptos. || Sr. Edictor, declaro perante Deos, e o mundo, que não sou entusiasta do liberalismo: não | reprovo, antes sei apreciar a verdadeira Aristocracia, e tanto que, a considero indispensável | em hum Governo Monarquico-Constitucional-Representativo, como o nesse: o que me | enche de azedume, e me esgota de todo a paciência, he o enrufado de certos Cogumelos, | que sahidos da [ilegível] extração, pingantes á *nativitate*, hoje elevada por forças das | circunstancias, e alguns ate por baixezas, e indignidades, tanto se queiraõ extremar de seus | Concidadãos, tanto se empanturrem de ventosidades fidalgos, que buscando arruinar | Constituição bemfaseja, que os tirou de seu nada, ouzem chamar farroupilhas aos que fieis | ao juramento, fieis a Ley, a Nação, e ao Imperador sustentaõ esta mesma Constituição. | Entretanto o termo farroupilha, com que nos apelidaõ esses Esganarelos não pode quadrar a | immensa falange dos Constitucionaes, muitos dos quaes tem posses, capazes de comprar a | não poucos d'aquelles, se não a elles mesmos; por que sahiraõ mais caiadinhos asuas mãis, | a avós: ao mesmo tempo que o termo Cogumelo, que lhes applico, he o mais apropriado | possivel. Cogumelo he huma especie de vegetal, chamado em Portugal- Tortulho- e nesta | Provincia- mijo de Cavallo: todos sabem que essa chapoleta costuma a nascer da besta, e na | bosta: os nossos impanturrados Aristocratas assim nascerão – Queres ver o vilão: mette-lhe | a vara na mão. – Grande proverbio! He a pedra de toque dos Cogumelos. || Desenganem-se pois esses impostores: que esta Constituição, a obra mais perfeita, que | sahio das Mãos do Nosso Deffensor Perpetuo, já mais será refundida em Constituição de | Arsitocratas mascarados, não, e não. Quanto as suas impotias, e e arrulamentos se causaõ | riso, e desprezo; porque a Nobreza he como o vinho, que tanto mais se estima, quanto mais | velho; e que alem disto só as virtudes sociaes, a adhesão ao Imperador, e a Constituição, | fazendo esquecer a basta, de que nascerão, os fará aredores de estimação, e respeitos. || Bem conheço, que não he esta a linguagem propria agradar aos Mandões da Corte; bem se | está vendo, que alguns dos Srs. Ministros de Estado só despachaõ, e condecoraõ | aduladores, absolutistas, illudindo o Soberano: mas em fim o tempo das illusões já | passou; e cahio para sempre a mascara da impostura, e os Cogumelos receberão o desprezo, | que merecem: sustento, quanto posso o Imperador, e a Constituição: incorra embora na | indignação dos Cogumelos. || O *Trambolhista*, ou *Sonâmbulo*, ou *Magnetizado*, ou o que quizerem.

Modalidade: Língua escrita.

Tipo de Texto: Carta de Leitor.

Assunto: Carta em que o autor expõe o teatro com características que vão além da arte educativa e alcançam o lazer e o "recreio". O autor ainda evidencia vários atores, que do ponto de vista dele, são ícones nas apresentações teatrais.

Data do documento: 12 de agosto de 1852.

Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.

Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diário de Pernambuco*.

Identificação do autor: sem identificação.

Informações levantadas:

Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da segunda metade do século XIX – Carta de leitor 20.)

T[H]EATRO DE SANTA ISABEL

A nova companhia dramática | São inconstetaveis as vantagens que o | teatro proporciona, e as modificações que | imprimi na vida de um povo. Contribue po- | derosamente para o desenvolvimento da li [ilegível] | tera e aperfeiçoamento das lingoas: he | uma circunstancia favorável para o appare- | ção de grandes talentos, e entre varias na- | ções modernas tem- se visto o gosto do dra- | ma confundir-se com o da gloria e da liberdade || Hoje já não há quem repute o teatro um | lugar somente on[d] e se vai beber lições de | moralidade, ou uma escola de vicios. O | bom censo da civilização desprou essas | pretenções syst [ilegível] maticas, e o teatro he considerado um lugar em que o homem, de- | pois das fadigas do dia, vai passar rápidas | horas de innocente recreio; em q[u]e a imagi- | nação se compraz em todas as tradições po- | pulares; em que o espírito se alimenta com | emoções nacionais, e se engradece a vista | das imagens de nossos antepassados. || Ora, há quase dous mezes que a popula- | ção desta cidade se achava privada desse ho- | nesto passatempo, e das vantagens de outra | ordem que delle resultam. Entretanto cons- | tanos que o actual empresario não ha pou- | pado esforços nem sacrificios para organizar | uma companhia digna do publico | desta grande capital. || Esta companhia se acha definitivamente | constituída, e encerra em seu grêmio bellos | talentos, ja p[ilegível] opularizados em todo o Brazil. || Entre os nomes que a compõem- vê- se o | da Sra.

Maria Leopoldina. Todos conhecem | esse distinto talento, cuja habilidade se | apodera de tal
sorte dos papeis que lhe ca- | bem, que as vezes o seu nome fica insepara- | vel do titulo da peça.
|| O Sr. Costa he dotado de uma habilidade | vari [a] vel, de um talento múltiplice, e um | dos
mais distintos caracteres artísticos flu- | minenses, não vem fazer entre nós o tero- [ilegivel] nio
de actor. Na corte do Rio de Janeiro, | theatro das glorias do Sr. João Caetano, o | Sr. Costa gosa
de brilhante reputação, e te- | mos para nós que esse illustre artista que | ora esmalta a
companhia do S. Izabel e veri- | fica-a com as chammas do seu bello talento | há de satisfazer as
exigencias dos amadores | da scena pernambucana || A Sra. Maria Amália, os Srs Guimarães,
Monteiro, Senna, Amoedo, Bizerra, etc,,, | etc, são nomes bem conhecidos entre nós; | todos
gozam de sympathias, e contam mui- | tas dedicações || Assim, visto já se acha organizada a |
companhia, rogamos ao digno empresário | que abra o theatro, a fim de termos um lu- | gar em
que passemos algumas horas de dis- | tração

Modalidade: Língua escrita.

Tipo de Texto: Carta de Leitor.

Assunto: Carta destinada ao governador da Província de Pernambuco relatando à ascensão e, ao mesmo tempo, o descaso dado à estação férrea de Pontezinha – devido ao aumento populacional e das variadas profissões que ali se estabeleceram – e, obviamente, solicitando providências no sentido de corrigir a defasagem entre a rentabilidade gerada pela estação e os investimentos realizados na infraestrutura.

Data do documento: 27 de março de 1862.

Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.

Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diário de Pernambuco*.

Identificação do autor: Pedro Gaudiano de [ilegível] e Silva

Informações levantadas:

Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. *Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da segunda metade do século XIX – Carta de leitor 26.)*

Srs. Redactores. – A supressão da estação | da Pontezinha, annunciada pelo seu jornal de 21 | do corrente, causou-me tanta surpresa e admi- | ração que, não podendo conter-me, e abafar em | meu coração o desejo, que tenho de levar ao | conhecimento do publico a injustiça de semelhan- | te medida, tomada pela superintendencia da via | ferrea, saio do meu silencio habitual, e recorro | ao prelo. Todos sabem que o lugar da Pontezinha, antes da construção da estrada de ferro, | nenhuma importancia tinha, e era [a]penas co- | nhecido pelo nome, que lhe emprestava ou- | tr'ora uma pequena ponte, que depois foi substi- | tuida por um aterro: todos sabem que nesse | lugar apenas haviam alguns mocambos, habita- | dos por gente [ilegível] miamente pobre, e que, não of- | ferecendo então futuro algum, ninguem para elle | affluia; mas, feita a estrada de ferro, e estabele- | cida ali uma estação, mudou-se complet[a] mente | a condição desse lugar, e começou elle a tomar | um incremento espantoso, edificando-se casa de | telha em systema de povoação, de modo que | hoje é um [p]ovoado, que contem mais de um | cento de casas de telha pela maior pa[r] te caiadas | e pintadas, sem duvida alguma pelos [n]ovos e di- | versos meios de vida, que a estrada [ilegível] ferro of- | ferecia, e a vantagem de um ponto de embarque | convidava.

Muitas vendas de molhados se esta- | beceram, e pessoas de diversas industrias, ar- | tes e officios, como p[e]dreiros, carpina, marci- | neiros, sapateiros, alfaiates, ourives, ferreiros, | [ilegivel] noeiros, etc... enxergaram no lugar da Pontezi- | nha um ponto de moradia vantajoso, tanto que edificaram suas casas em terrenos aforados ou | arrendados, e até eu que vivo da profissão de ad- | vogado, e que gosto da habitação do campo, | achei que a Pontezinha era uma solidão agrada- | vel, d'onde pela via ferrea podia todos os dias ir | para o meu escriptorio na villa do Cabo. Já se | vê que não foi, abssolutamente fallando, a estra- | da de ferro, que deu animo e vida a esse | lugar; | mas sim o ponto de embarque e desembarque. || Supprimindo, pois, este, é fora de duvida que a | Pontezinha, perdendo toda a sua importancia, tor- | nara ao seu primitivo estado. Não será, pois, a | Companhia da estrada de ferro, ou a superinten- | dencia summamente injusta, causando males e | prejuizos incalculaveis aos que se estabeleceram | e habitam hoje este lugar, por contarem com a | facilidade da communicação d'alli para o Recife | e para os lugares que ficam na direcção da linha | ferrea ¿ Ninguem o contestará. Não é [u]ma espe- | cie de logro, para assim dizer, que a companhia, | ou quem a representa prega os habitantes da | Pontezinha ? O estabelecimento da estação, dan- | do aos habitantes da Pontezinha uma ideia de es- | tabilidade, e ainda mais por ter sido approvada pelo governo, os desafiou a se estabelecerem, e | quando viram realizados as suas previsões e cal- | culos, quando se consideravam bem arran [ilegivel] ados, | tendo convertido seus capitães, já em edificações, | já em estabelecimentos commerciaes, proporcio- | nados ás suas fortunas; quando o lugar está | prosperando, e por conseguinte promettendo | vantagens mesmo aos interesses da companhia, | é neste ponto que se lavra a sentença de sua an- | niquilação, que se faz a ruína, e quiçá a desgra- | ça de muitas famílias, que com tal medida vêem | desa [ilegivel] parecidas completamente as propriedades, | que fundaram, e o negocio que estabeleceram, em que consistia toda a sua fortuna [ilegível] Oh! Isto | é cruel, é inexplicável e anti-humano mesmo. || Não podendo descobrir a razão de tão injusta | resolução, quia acha-la na exiguidade do rendi- | mento da estação para fazer face ao menos as | despezas do seu costeio; mas os factos por mim | presenciados attestam o contrario, e me respon- | dem que não; porque a estação da Pontezinha | tem somente um empregado que é encarregado | do registro, o qual percebe diariamente 1\$ 280 rs. | e nenhuma outra despeza ha mais senão de cin- | co garrafas de azeite ou óleo para luz, não che- | gando por conseguinte toda a despeza a 50 \$ 000 | mensaes; entretanto que a es[t] ação rende, se- | gundo me tem informado todos os empregados | que alli tem estado, de 200\$000 para cima só de | bilhetes de passageiros, além do [ilegivel] das lenhas | que d'alli constantemente manda-se para o Reci- | fe, pagando-se por cada wagon [ilegível] de frete. || Ora, sendo certo, como sou tesmunha ocular, | de que todos os mezes vão de 20 a 30 wagons com lenha, é evidente que só nos fretes da [l]nha | tem a companhia um rendimento mensal de 200 | a 300 \$ 000, alem dos que rende a venda dos bi- | lhetes dos passageiros. || E, se não gozando ella do favor e importan- | cia, que se tem dado a todas as outras estações | intermedias, negando-se-lhe uma plata-fórma | commoda e conveniente para o embarque e des- | embarque de cavallos e outros animaes, ella dá | este resultado, é incontestável que, sendo olhada | com igual consideração, teria um rendimento | igual ou maior ao daquella intermédia, que | mais rende actualmente; o que é sem duvida | contra os interesses da

companhia, não se podendo explicar mesmo a razão da antipathia, que lhe vota a companhia da estrada de ferro, que acaba de lançar tão injusta maldição a uma de suas filhas. || E por este facto entende com o interesse publico, é de esperança que S. Exc., o Sr. presidente da provincia, o tome na devida consideração, para não consentir que por este modo se offenda tão de perto, se aggrida mesmo o direito dos que, me parece, que o [ilegível] á conservação e permanencia da estação da Pontezinha, uma vez que ella não foi creada e estabelecida provisoriamente, mas sim com o character de estabilidade, garantida pela companhia, quando a estabeleceu dando-lhe regulamento, e pelo governo quando approvou a sua criação. Assim pensa e espera o seu constante leitor || Pedro Gaudiano de [ilegível] e Silva.